

4. Stromboli

4.1 A experiência do Sagrado

Em *Stromboli terra de Deus* (1949) Karin, personagem de Ingrid Bergman, casa-se com um pescador, ex-soldado, e vai morar em uma ilha remota do Mediterrâneo. Foi o único modo de escapar do campo de refugiados em que vivia desde o final da guerra. Frustradas as várias tentativas de adaptar-se às rotinas da ilha e de criar uma vida possível para ela naquele lugar, Karin resolve fugir do isolamento, das condições inóspitas, das imensas distancias existentes entre ela, o marido e os habitantes. Para isso, é preciso superar a lava e a fumaça da erupção vulcânica, chegar ao outro lado da ilha e de lá tomar um barco que a levará ao continente. Grávida e exausta, depois de várias quedas na tentativa de subir a montanha, no limite de suas forças, Karin é alcançada pela súbita experiência do Sagrado e entre o terror e o êxtase, dirige-se a Deus.

A ilha em que vive é pobre e atormentada por contínuas erupções de um vulcão. Seus habitantes vivem em situação de isolamento, entre o mar e o vulcão. Porque seria essa uma “terra de Deus”?

Pouco antes da exibição de *Stromboli* no Festival de Veneza de 1950, Rossellini declarou suas intenções quanto ao filme.

Entre Ingrid Bergman e Stromboli eu encontrei oposições dramáticas. A protagonista era um caso limite tanto quanto a ilha. Desse modo a estrutura das antigas tragédias foi a única que achei adequada para dar vida a essa luta entre o Criador e criatura. A protagonista feminina, cínica e egoísta, tem contra ela aquele duplo coro: o povo da ilha, com sua visão estreita e sua incompreensão e a Natureza, hostil e inclemente. Ignorado, invisível mas onipresente, está seu real antagonista: Deus. (GALLAGHER: 1998)

Rossellini chama aquela ilha inóspita de terra de Deus, pois é nas circunstâncias daquela situação limite que a manifestação da Graça Divina poderá acontecer. Karin jamais procurara por Deus. Seus sentimentos são sempre de revolta e insubmissão.

Deus, seu oponente, se revelará a ela somente no final do filme, depois de vencer o coro e a protagonista e conduzi-la ao limite do desespero, depois de leva-la invocar a luz da Graça que a libertará de sua desumana solidão. (GALLAGHER : 1998)

O vento do Espírito sopra quando e como quer. A possibilidade de encontrar Deus depende dele e não de nós. As palavras de Isaías, citado por Paulo, (Romanos 10:20) surgem logo após os créditos iniciais de *Stromboli*. “Eu fui encontrado por aqueles que não me buscavam. Manifestei-me entre aqueles que não perguntavam por mim”.

Na época das filmagens, Rossellini afirmava em entrevista que “a única coisa certa na Europa hoje, é que ninguém acredita em mais nada... É preciso um filme que supere a política e a economia e devolva ao homem a fê em si mesmo e o conduza uma nova apreensão de Deus”¹⁴. Rossellini parecia ter um objetivo claro e determinado. Com a Europa em ruínas físicas e morais como situar-se em relação a Deus? Se para muitos, após Auschwitz parecia impossível voltar a crer ou mesmo pensar em Deus, para outros, mais do que nunca, era necessário a revivência do Sagrado em um mundo que caminhava rapidamente em direção ao ateísmo.

Com as feridas da guerra ainda abertas, uma das preocupações de Rossellini era a questão do cinismo. Karin se aproveita do amor ingênuo de um ex-soldado e casa-se com o único intuito de escapar do campo de refugiados. Troca o arame farpado pelo isolamento da ilha. Durante a guerra, Karin oscilava entre o colaboracionismo e o campo de prisioneiros e era uma mulher vivida o suficiente para não alimentar ilusões quanto ao que lhe aguardava. Seu modo de vida, suas roupas, sua beleza magnífica entram em choque com os hábitos do povo humilde da ilha. O simples padre local não a compreende e parece aturdido com sua presença. Nas seqüências da pesca do atum e da fuga para o mar com o habitantes da ilha durante uma erupção vulcânica, Karin é confrontada com experiências limites de vida e morte e decide partir.

Karin não conta com Deus. Em nenhum momento do filme ela faz menção à sua existência. Deus parece ausente daquela terra árida e triste. Depois de algumas vãs tentativas de adaptar-se à vida da ilha, ela percebe a inutilidade de seus

¹⁴ idem,p.329

esforços, a distancia infinita existente entre ela e aquele mundo. Nesse momento, toma a sua decisão suprema de responsabilidade e resolve fugir da ilha, garantir uma vida melhor para o filho que carrega no ventre, mesmo que para isso seja necessário enfrentar a fúria do vulcão e correr o risco de não conseguir passar para outro lado, sucumbindo entre fumaça e fogo.

Após mais essa erupção, Karin diz ao marido que deseja partir, pois quer dar uma outra vida ao filho. Ao ouvir isso, o marido simplesmente a tranca em casa, pregando com tábuas todas as portas. Desesperada, ela chega à janela e começa a gritar por ajuda. Ao longe, se afastando da ilha em um pequeno barco, o faroleiro que conhecera quando vinham, ela e o marido, do continente para a ilha, ouve os seus pedidos de socorro, volta, vai à casa e a liberta. Os dois vão até a praia e Karin diz que precisa de sua ajuda para fugir da ilha. Com malícia, ela usa a sua beleza e seduz o faroleiro que aceita ajuda-la mas Karin diz a ele que irá só.

Ela inicia a fuga e tem medo, muito medo. Sobe a montanha com dificuldade, cai, chora, levanta-se, cai novamente mas continua a subir. Exausta, adormece. Quando amanhece e ela acorda, diante do que vê, diz : “Oh, Deus, que mistério, que beleza”. Nesse instante ela, que não buscava, é tocada pelo Sagrado, pela experiência do “tremendum et fascinorum”. Karin continua a subida. Cai mais algumas vezes, é quase sufocada pela fumaça das explosões, e em mais uma queda, perde a maleta e a bolsa com o dinheiro para a travessia. Ela sabe agora que não pode mais voltar e que é preciso salvar o filho que carrega no ventre. E então, finalmente, pede àquele Deus que subitamente se manifestara, entre o terror e a beleza, que lhe conceda força, compreensão e coragem. Nesse instante, o rosto de Karin é sublime e belo e parece olhar diretamente a face de Deus, supremo risco, que invoca como Misericordioso.

Há muitos modos se olhar para *Stromboli*. Um deles é vê-lo como um conflito entre duas culturas. A primeira é a de Karin, uma mulher moderna e urbana, habituada a um outro tipo de relações, mas que a guerra na Europa transformara em uma desterrada, sem raízes e pátria. A outra cultura é a da ilha. Isolada no Mediterrâneo em meio às forças violentas da natureza, essa cultura é cheia de verdades e valores definidos, é primitiva e rude, lutando todo o tempo por sua sobrevivência, acossada pela força de um vulcão que é um representante dessa natureza indiferente e cruel.

Um outro modo, talvez mais revelador, é vê-lo como um filme sobre a Graça, a manifestação de Deus na vida humana. E isso está sugerido desde a epígrafe após os créditos iniciais de *Stromboli*.

Durante algum tempo amadureci a idéia de tratar, depois dos dramas da guerra, desta tragédia do pós-guerra ... que transfere o mundo todo para o interior da criatura e é responsável pela desdenhosa certeza de que podemos viver sem amor, humildade ou compreensão. Reduzida à sua mais simples expressão acaba por ser – com uma roupagem mais nova mas mantendo uma significação que é secular – a luta entre Criador e criatura.

Rossellini logo percebe algo essencial no conflito: a estranheza de Karin, um corpo que não pertence àquele mundo da ilha. Essa também é a situação de Ingrid Bergman e será a marca de suas personagens ao longo de todo o trabalho cinematográfico com Rossellini. Com sutileza e perspicácia para refletir a situação, ela irá compor personagens marcados por essa sensação perpétua de deslocamento, de desenraizamento, o que de uma certa forma, paradoxalmente, prepara o acontecimento da Graça.

Um ano antes de *Stromboli*, com cameras instaladas na costa oriental de Amalfi, Roberto sentira-se esmagado pela deslumbrante paisagem que frente a seus olhos se estendia. Ele disse aos atores e equipe : “Devíamos pôr-nos de joelhos e agradecer a Deus por tamanha beleza”. (ROSSELLINI : 2007)

Mas Karin não tinha ou não podia ter esse olhar. O seu era sempre o de uma estrangeira, o de uma exilada. A beleza da ilha era como uma injúria que só fazia aumentar a sua solidão e sofrimento.

Não há, portanto, qualquer dúvida que, em *Stromboli*, Roberto queria transmitir a nossa impotência (e a dele) sem Deus .Os motivos religiosos são muitos: picos, abismos e labirintos; a vida é uma peregrinação, uma via sacra; o mundo (mineral e carnal) é considerado, quase, de uma maneira gnóstica, carregado de vida divina. As deambulações de Karin pelo labirinto de casas enquanto, ao longe, uma criança chora, são análogas à descrição que San Juan de la Cruz faz da alma que sai de sua casa à noite para ir à procura de Deus. Os filmes de Rossellini são como, paixões, oposições fundamentais entre o amor e a morte, o dia e a noite, o inferno, o purgatório, o paraíso.....

Nenhuma solução, nenhuma liberdade, nenhuma cura é possível até que, sob a cúpula da caverna de estrelas, Deus conceda a sua Graça e a centelha do milagre: é esse o impulso que leva Karin a chorar e a pedir por Ele ao amanhecer.....

Para Rossellini, tal como para Santo Agostinho, a nossa capacidade de auto-determinação depende de áreas que nós mesmos não podemos determinar; mesmo nossa capacidade de nos voltarmos para Deus depende de Deus. (GALLAGHER : 1998)

É portanto um cinema de conflitos e deslocamentos: do indivíduo com a História, do indivíduo com Deus. Tentativa de superação de polaridades, de integração de modos de apreensão do mundo e da vida. A aceitação de sua condição humana e concreta, distante da resignação mística, é que orienta o percurso de Karin até a montanha e é lá, assim, desse modo, que Deus a encontra.

O impacto das seqüências finais de *Stromboli* decorrem da maneira clara como essas questões são apresentadas. No cristianismo, muito mais que os motivos de discussões teológicas entre os doutores da Igreja, a idéia da Graça e da intervenção do Sagrado entre os que crêem, é aquela que Rossellini apresenta na trajetória de Karin.

Somos convocados à comunhão com o filme e o seu final dependerá de como nós ,espectadores, formos, ou não, também tocados por aquilo que aconteceu na tela. O filme termina com imagens de pássaros voando em um céu enfumaçado e não sabemos se Karin conseguiu cruzar a montanha ou se foi tragada pelo vulcão mas temos certeza de que ela alcançou a liberdade.

Em meio ao turbilhão de metáforas e analogias com a situação emocional e afetiva em que viviam Ingrid Bergman e Roberto Rossellini, sessenta anos depois de sua realização, *Stromboli* toca em uma das questões mais candentes de nosso tempo. Desterrado também da terra firme dos grandes relatos totalizantes, o indivíduo das sociedades urbanas do mundo globalizado, tal como Karin, se aflige com o seu vazio interior e anseia cruzar a montanha em chamas, enfrentar e vencer os perigos do vulcão, romper o isolamento de sua ilha e, restaurando de alguma forma a sua espiritualidade no Mundo, reencontrar na sua própria humanidade o Deus que nela habita.